

## **OS DIZERES DAS ADOLESCENTES SOBRE A GRAVIDEZ PRECOCE: DESAFIOS PARA A ESCOLA**

---

A adolescência é um período que se caracteriza pelas experimentações, no que diz respeito à valores, comportamentos, sonhos e preferências. ERIKSON(1976) diz que este período é "um modo de vida entre a infância e a idade adulta." Aliado à gravidez precoce, o processo de adolecer pode se tornar bastante problemático e trazer sérias conseqüências para um desenvolvimento saudável do adolescente. Problemas de saúde causados por um aborto provocado ou falta de condições financeiras da mãe - menina e/ou de seu parceiro, são alguns dos fatores que evidenciam a problemática social da gravidez precoce.

Assim, este trabalho discute a gravidez precoce e a necessidade de um trabalho de educação sexual nas escolas que busque informar não só aspectos que dizem respeito à fisiologia do corpo humano, mas também que possa abarcar o universo de significados que caracterizam a subjetividade adolescente, com suas dúvidas, emoções, medos e desejos.

Palavras-chave: adolescência, gravidez precoce, educação sexual

---

### **Os dizeres das adolescentes sobre a gravidez precoce: desafios para a escola**

Falar sobre a adolescência é também falar em crise, em mudanças, no inesperado, enfim, em um tornar-se, em um vir-a -ser muito intenso. A adolescência é uma fase da vida onde ocorrem muitas mudanças, sejam fisiológicas, psicológicas ou sócio-culturais. Neste trabalho, abordaremos alguns aspectos que caracterizam esta fase e o problema da gravidez precoce, suas causas e conseqüências. Esta investigação foi feita envolvendo uma pesquisa de campo com adolescentes grávidas na faixa etária entre 15 e 21 anos. As adolescentes freqüentavam uma escola pública do município de Santa Maria no turno da noite.

Segundo ERIKSON(1976: 164) no livro "Identidade, juventude e crise":

*É importante enfatizar que a personalidade difusa e vulnerável, distante e desligada mas exigente e opiniática do adolescente não demasiado neurótico contém muitos elementos necessários de uma experimentação semideliborada de papel, da variante "eu desafio você" e "eu atrevo-me." Muita dessa aparente confusão deve, pois, ser considerada um jogo social- o verdadeiro sucessor genético do jogo infantil. Analogamente, o desenvolvimento do ego adolescente requer e permite uma experimentação lúdica, quando não atrevida, na fantasia e na introspecção.*

A adolescência, portanto, é um período de profundas transformações, é uma espécie de metamorfose que envolve o corpo, que deixa de ser infantil; a mente, que começa a buscar referências outras na construção da identidade, não mais apoiada na figura materna ou paterna. Novas e intensas emoções começam a fazer parte do mundo adolescente ao experimentar os primeiros amores, as dúvidas, os questionamentos e as frustrações. É um mundo que desafia o adolescente e também é desafiado por ele: fantasias o envolvem, seu corpo exige uma nova postura que não mais a infantil. É preciso agora definir-se profissionalmente e também sexualmente. Para OLIVEIRA ( 1997: 47) "A adolescência inaugura um período de busca de um novo sentido de continuidade e uniformidade, que inclui agora a maturidade sexual."

É um momento onde o adolescente sofre constantes desequilíbrios no seu 'eu' e concebe todas as possibilidades em seus problemas e dúvidas. Assim, tais desequilíbrios físicos e emocionais irão permitir a ele um alto potencial de crescimento. As sociedades dos adolescentes são sociedades em discussão e sempre sujeitas a inovações, uma vez que esta fase se caracteriza por uma inquietante vontade de transformar. OLIVEIRA ( 1997: 47) afirma que "Como um jogo de projeções, a adolescência é a falta, ao mesmo tempo que é o sonho de 'ter chegado' a busca, o projeto de alcançar tudo, representando a chegada às possibilidades."

A adolescência é um período em que a puberdade invade o corpo, onde uma série de impulsos e possibilidades se impõem e onde se estabelece uma ruptura das relações parentais em busca de algo novo, o adolescente quer e precisa encontrar um referencial na sociedade. Neste sentido, o sentimento de grupo parece prevalecer sobre o individual, sobretudo quando o adolecer implica em buscar novas

ERIKSON (1976: 128) diz que a adolescência passa a ser "um modo de vida entre a infância e a idade adulta." Dessa forma, a convivência com o grupo de amigos se configura como uma maneira do adolescente separar a sua identidade da de seus pais. O que há muitas vezes no grupo, é uma uniformidade de comportamentos e de hábitos, um servindo de modelo para o outro, com uma padronização de idéias ou atitudes que confortam o adolescente.

Pode-se dizer que na adolescência, cada vez mais cedo, está se exigindo que o adolescente opte por uma profissão e assim também, é cada vez mais precoce a sua iniciação sexual. Os valores que norteiam nossa cultura e que se colocam como vivências para os adolescentes, alicerçam-se na idéia de que a ocupação é uma grande expressão de status e de importância do indivíduo na sociedade. E é nesta fase que o adolescente começara a definir-se, a fazer suas escolhas e a definir limites e possibilidades em sua vida.

É na adolescência que a sexualidade se estrutura e assume seu papel definitivo e é importante ter claro que a sexualidade é inata no ser humano, mas a maneira de lidar com ela é aprendida e precisa ser elaborada, cuidada, de forma que o adolescente se desenvolva sadicamente, e sua sexualidade possa ser expressa, sem ter que estar associada a algo proibido ou culposos.

De acordo com WEREBE( 1998: 69):

São fatores biológicos que criam as condições básicas para a presença e o desenvolvimento da sexualidade na adolescência: a maturação das gonadas constitui a condição biológica fundamental para a prática de certas atividades sexuais. Por outro lado, as mudanças físicas e fisiológicas, na puberdade, criam novas capacidades físicas, despertam novos interesses, desejos e provocam, ao mesmo tempo, uma certa instabilidade, pois o indivíduo deve se acomodar a um corpo em transformação. A consciência do corpo se intensifica desde a puberdade, tornando-o símbolo do "self", sendo importante para a identidade sexual.

Partindo da citação acima, pode-se afirmar que a sexualidade constitui um elemento fundamental nos estudos sobre adolescência e deve estar intimamente relacionada ao prazer e à saúde. Para isso, é preciso que a sociedade aceite-a como uma manifestação natural, propiciando ao adolescente algumas possibilidades para sua expressão e elaboração. De um modo geral, o que se constata é a idéia de que a sexualidade, a sensualidade do corpo, com suas expressões e multiplicidades de sentidos, são tidos com algo culposos, feio ou nojentos.

Na adolescência, a imagem corporal se modifica, a imaginação e as fantasias começam a ser trabalhadas no universo adolescente. Intensifica-se a excitação sexual e isto afeta a capacidade e o comportamento social do indivíduo.

Pensar a sexualidade no processo de adolescer, é pensar num universo de excitações, de desejos, de atividades mentais. É falar em sentimentos, emoções, afetos, prazeres e desprazeres fundamentais na vida psíquica do adolescente; logo, é falar em corpo físico e corpo do desejo, é falar num processo de subjetivação, num devir. Portanto, este assunto não pode ser ignorado ou adiado, deve ser discutido para que ocorra uma resignificação da sexualidade.

Assim como em todas as situações que dizem respeito ao ser humano, também a sexualidade precisa ser pensada, elaborada, discutida e construída. E isso se faz mais necessário na adolescência, pois é justamente nesta fase que acontecem as primeiras e mais importantes experimentações sexuais. Neste sentido, é fundamental uma adequada educação sexual neste período da vida, onde o adolescente tenha a possibilidade de aprender a cuidar de sua saúde reprodutiva e a de seu parceiro, saúde tanto física como mental, uma vez que, como já foi mencionado, a construção de uma sexualidade sadica envolve não só o corpo físico, como também o corpo erótico, o corpo dos desejos, instinto, medos e emoções.

Com o advento da AIDS e com a forte influência que a mídia exerce, há uma necessidade de se (re) pensar a educação sexual que vise não só auxiliar afetivamente o adolescente, como também evitar "acidentes" decorrentes de uma iniciação sexual despreparada que poderá ter como conseqüência uma gravidez indesejada. Sabe-se que protelar a primeira relação sexual do adolescente, coagindo-o moral e ideologicamente, infantilizá-lo ou reprimí-lo só acarretará em conseqüências negativas para o seu desenvolvimento emocional e psicológico.

São inúmeras as razões que levam uma adolescente a ficar grávida e algumas delas serão apresentadas aqui. No caso das meninas-mães, uma crise se sobrepõe à outra. A "crise normativa" de que fala ERIKSON (1976) ao caracterizar o processo de adolescer é agravada com a gravidez precoce. A conflitiva social, física e emocional que a adolescente já sofria por estar adolescendo é aumentada com o desafio de agora ter que, ainda mais cedo, tornar-se adulta e assumir o papel de mãe.

ingresso no mundo adulto, quando não têm preparo físico nem psíquico para isso.

Instabilidade emocional, carência afetiva, invulnerabilidade e fragilidade de uma menina ainda em formação, omissão dos pais, falta de informações e fantasias adolescentes como as de "engravidar para prender o namorado" ou mostrar aos pais que já é adulta, são alguns dos motivos que determinam uma gravidez precoce.

No caso de meninas pertencentes às classes populares, reproduz-se a pobreza na geração de filhos muitas vezes abandonados, que ficam entregues à própria sorte. A instabilidade e a fragilidade da menina-mãe acabam se refletindo na criança.

Muitas pesquisas sobre este tema têm mostrado que, quanto menor for a idade da mulher, maior será o risco de morte devido à gravidez, parto e puerpério. Do ponto de vista social, verifica-se que uma das conseqüências mais importantes da gravidez precoce e da maternidade na adolescência é a restrição nas possibilidades futuras de melhoria da qualidade de vida, pois a gravidez pode interromper os estudos e as oportunidades de uma qualificação profissional. Quando este abandono da escola e/ou emprego não se dá espontaneamente, a adolescente é levada a fazê-lo por sofrer discriminações e preconceitos de todo o tipo.

Constata-se também conseqüências demográficas da gravidez na adolescência, pois se uma mulher começa a procriar antes dos vinte anos, até o término do seu período fértil, ela terá um tempo potencial de procriação maior do que se começasse a reproduzir aos vinte e cinco anos, por exemplo. Dessa forma, o retardamento da primeira gravidez para além dos vinte anos reduziria o crescimento populacional, pois haveria um intervalo maior entre as gerações.

Sobre a relação entre sexualidade e demografia, é importante ressaltar o que diz WEREBE (1998:95):

*Em todas as conferências mundiais sobre população, enfatizou-se a contribuição importante da educação para resolver os problemas ligados ao crescimento demográfico e suas conseqüências. E não apenas a educação tomada no sentido amplo, incluindo as atividades extra-escolares e o ensino propriamente dito, mas referências foram também centradas sobre o papel da educação em matéria de população e, particularmente, da educação sexual.*

Dessa forma, a sexualidade, como uma instância constitutiva do humano, deverá atravessar as práticas cotidianas do professor na escola, não para controlar ou reprimir suas manifestações, mas para possibilitar ao adolescente a construção de sua própria identidade, e por isso também, de sua própria sexualidade.

Em entrevista feita, M., 7a série, grávida de 4 meses, quando questionada sobre o que sentia ou pensava quando via uma outra menina grávida, respondeu o seguinte: "Eu achava bonito pra elas né, nunca pensei que ia vir pra mim. Agora...tenho uma amiga que agora a pouco ganhou nenê(...).

É muito comum nesta fase da adolescência a instabilidade emocional, um certo sentimento de invulnerabilidade, de aventura ou, uma idéia de que "comigo não vai acontecer".

Outro exemplo é a afirmação de B., 21 anos, 6a série e grávida de 4 meses, quando diz: "Ai...eu pensava que ia tê um filho também né, mas eu não pensei que ia sê assim tão cedo. Eu imaginava eu um pouquinho mais velha. Com uns 25, sei lá, não agora."

A maternidade exige readaptações e reajustamentos tanto físicos como psíquicos e isso se complica, na medida em que a crise adolescente passa a ser dupla, coexistindo aí duas situações desafiadoras: adolescência e maternidade. A adolescente passa a assumir um papel de mãe, num momento em que, na maioria das vezes, ainda depende afetiva e financeiramente dos pais.

Quanto à contracepção muitos adolescentes não têm informação de como evitar uma gravidez ou não têm condições financeiras para utilizar os métodos anticoncepcionais.

WEREBE ( 1998: 131) afirma que:

*A mulher (e o casal) deve não só ter o direito e ter os filhos que deseja, mas deve também poder programar o espaçamento destes filhos, de maneira a preservar sua saúde e a evitar obstáculos à sua realização pessoal, familiar e profissional. A contracepção para a mulher não pode limitar-se apenas ao controle da natalidade (...) mas deve permitir-lhe viver sua sexualidade plenamente e sem culpabilidade.*

Há que se considerar portanto fatores culturais e ideológicos como o psiquismo bloqueado da

D., 21 anos e grávida de 4 meses, quando perguntada se usava algum método anticoncepcional respondeu:

*Eu comecei a usar pílulas, só que eu notei que comecei a engordá, comecei a ficar gorda. Aí eu falei pra ele que eu não queria mais, daí a gente começou a usar camisinha, só que camisinha é meio chato né, de vez em quando a gente não usava. Aí foi numa dessas vezes que aconteceu.*

Aceitar a contracepção significa aceitar o prazer sexual e a sua própria sexualidade. E são muitas as barreiras que se colocam, sejam religiosas ou culturais. Dessa forma, pode acontecer que a adoção de métodos contraceptivos entre em conflito com as crenças religiosas, morais, com a própria identidade sexual e, por isso, poderá acarretar frustrações pessoais.

Muitas meninas fazem uso de métodos anticoncepcionais sem a devida orientação médica, e disso decorrem problemas de saúde devido a efeitos colaterais ou pelo risco potencial de métodos sobre os quais não têm informações suficientes.

Talvez havendo uma resignificação do adolescente na sociedade e de sua sexualidade, poderiam ser evitados problemas sociais como a gravidez precoce. Prevenir a gravidez indesejada, ao invés de provocar seu término, o aborto, também seria prevenir graves conseqüências médicas, familiares e psíquicas na adolescência.

As conseqüências de saúde que envolvem a adolescente que aborta são provocadas, com freqüência, pelos procedimentos utilizados para isto, como por exemplo, ingestão de inseticidas ou chutes no estômago. As causas de ordem psíquicas ou psicológicas são determinadas, fundamentalmente, por circunstâncias emocionais e sociais, ou seja, a adolescente é levada a abortar porque os pais não podem saber que está grávida, o parceiro muitas vezes não assume ou não tem condições financeiras para assumir o filho, para não interromper os estudos ou "estragar o corpo", entre outros. Num país como o nosso, em que o aborto só é legalizado em casos específicos, a adolescente pode sofrer graves seqüelas emocionais, sentindo-se culpada, discriminada, marginalizada, inferiorizada, até porque, para estabelecer relacionamentos posteriores, o fato de ter abortado poderia interferir negativamente.

M., 15 anos, 7a série e grávida de 4 meses, quando perguntada se, ao saber que estava grávida, pensou em abortar, respondeu: "Ah, não sei, porque ia mudar muito, bastante (...)."

A adolescente, ao dizer que "ia mudar muito" remete às questões já mencionadas antes, quais sejam: a adultez precoce que é imposta pela postura de mãe, agora tendo que assumir a responsabilidade de ter que educar e conduzir um filho de forma segura; a necessidade de colocar-se no mundo como alguém que já deve ter estabilidade emocional e financeira para atender a todas as necessidades de uma criança, de um ser humano que, como a mãe, também está em formação. Sendo assim, a dúvida entre o aborto ou não desafia e desestabiliza as meninas que, já muito cedo, sofrem estas dúvidas e emoções.

Assistimos a um bombardeio da mídia estimulando padrões de comportamento, quais sejam, culto ao corpo, prazer físico e sexo descartável e, uma adequada educação sexual deverá possibilitar aos adolescentes digerir tabus, medos, preconceitos e dúvidas, trabalhando o corpo, a vergonha, os prazeres, o desconforto, o instintivo e o pulsional. Trabalhar as questões de liberdade com os adolescentes, seus limites, seus afetos, de forma que eles possam conceber o sexo como fonte de prazer, de descoberta de si mesmo e do outro.

É importante salientar que, independente da classe social, a gravidez na adolescência é um fenômeno, e que a maternidade deve ser planejada e desejada, não imposta ou fruto de uma aventura.

Em nossos dias, por uma série de fatores, o relógio biológico das adolescentes parece estar mais adiantado e isto deveria implicar, por parte de toda a sociedade, o despertar de uma consciência crítica no sentido de trabalhar a sexualidade com os adolescentes e desenvolver programas de planejamento familiar que evitassem o adiantamento de responsabilidades.

AQUINO ( 1997: 49) atente para a importância de se trabalhar a educação sexual nas escolas e afirma que:

As duas vias, empírica e teórica, levam à conclusão de que a escola é o lugar da não-sexualidade. Não apenas nela vigora, explícita ou implicitamente, a interdição a qualquer manifestação da sexualidade juvenil, como também emanam, inevitavelmente, recomendações tendentes ao adiamento do seu exercício.

Salienta-se portanto, a necessidade de desenvolver um efetivo trabalho de educação sexual nas

seus atributos do corpo, do desejo e do amor.

É preciso trazer para o cenário educacional a questão da educação sexual nas escolas que aborde não apenas a fisiologia do aparelho genital, mas aspectos outros que abarquem um exercício consciente da sexualidade. Neste sentido então, ao discutir o que seja uma prática saudável da sexualidade, é fundamental transcender as informações que dizem respeito apenas ao organismo humano. Pensar a sexualidade significa mexer em questões tanto de funcionamento do corpo, como também valores morais, éticos e sócio-culturais.

É fundamental que um trabalho de educação sexual seja construído, partindo das dúvidas e questionamentos dos alunos. O adolescente deverá ter a possibilidade de (re) descobrir seu próprio corpo, suas exigências como um corpo sexuado que é.

Cabe à instituição escolar oferecer ao adolescente o conhecimento de seu desenvolvimento psicosssexual, a compreensão dos sentidos e das manifestações de sua sexualidade e a compreensão das dimensões afetivas da sexualidade. Assumir comportamentos responsáveis com relação à sua saúde sexual, à contracepção e a prevenção de doenças decorrentes de uma vida sexual com riscos.

Enfim, discutir sexualidade com os adolescentes, falando "com eles" e não "para eles," estabelecendo uma relação de empatia e confiança, é imprescindível para que eles possam exprimir suas inquietações, curiosidades, tabus e preconceitos que se colocam na sociedade em que estão inseridos. Dessa forma, o período da adolescência talvez poderá ser experimentado de uma maneira saudável, com qualidade de vida, uma vez que proporciona uma consciência de si mesmo e do outro.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

ERIKSON, Erik H. Identidade, juventude e crise. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Imaginário social e a escola de segundo grau. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

WEREBE, Maria José Garcia. Sexualidade, política e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABERASTURY, A., KNOBEL, M. Adolescência normal. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BECKER, Daniel. O que é adolescência. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CRESPIN, Jacques. Gravidez na adolescência. Rev. Bras. Clín. Terap.- vol. XXI- n. 9, p. 373-378, set. 1992.

LAGÔA, Ana. Meninas e grávidas. Revista Nova Escola. São Paulo. p. 10-25, out. 1991. (ano VI, n. 52).

OUTEIRAL, José. Adolescer: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

VITÓRIA, Gisele. Barriga de anjo: a informação sobre sexo aumenta, mas as meninas engravidam mais cedo. Revista Isto é. São Paulo, p. 69-73, set. 1994.

---

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Edição: 2001 - Vol. 26 - Nº 01 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**